

AS OBRAS DE MISERICÓRDIA E AS BEGUINAS

THE WORKS OF MERCY AND THE BEGUINES

Marta Luzie de Oliveira Frecheiras¹

Luiz Albertus Sleutjes²

Resumo: Na contemporaneidade, a mudança é um conceito notório. Estamos inseridos em uma era histórica de transformações que exige, igualmente, uma revisão criteriosa e uma adaptação nas escolhas e decisões. Dessa forma, procura-se nesse estudo contemplar as obras da Misericórdia encarnadas como ação de formação pessoal e social. Nesse sentido, resgata-se não só o desenvolvimento de Mestre Eckhart, como representante da mística renana, na qual pretendeu seguir os passos de Jesus de Nazaré numa pregação em língua vernácula, numa época em que as pregações ainda eram em latim para um povo pouco intelectualizado. Resgata-se também a práxis assumida pelas mulheres, representadas por meio das beguinhas na Idade Média, como ação iluminadora de uma nova ética e de uma nova moral no contexto também exigente. A partir desse recorte histórico hermenêutico, que evidencia uma reflexão axiomática sobre o sentido da vida integral e, portanto, inclusiva. Assim, apresenta-se uma ética e uma moral contrárias à indiferença e à invisibilidade dos menos favorecidos cultural e economicamente falando. Tal situação superava o desafio social da lepra, à flor da pele, alcançando a conversão das estruturas sociais. Sob este contexto, acredita-se que o testemunho do passado ilumina novas respostas às demandas atuais.

Palavras-chave: Misericórdia, Mestre Eckhart, Beguinhas, Lepra.

Abstract: At the current time, change is a notorious concept. We are situated in a historical era of transformations that equally demands a careful reassessment and adaptation in our choices and decisions. Thus, this study seeks to contemplate the works of Mercy embodied as an action of personal and social formation. In this context, it revisits the development of Meister Eckhart, a representative of Rhineland mysticism, who sought to follow in the footsteps of Jesus of Nazareth by preaching in the vernacular at a time when sermons were

¹ Professora titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É bacharel, mestre, doutora pela UFRJ e pós-doutora em Filosofia (LMU/UCM). É também bacharel, mestre e doutora em Teologia Moral pela PUC-Rio. Também é psicanalista clínica e didata, pertencente à Sociedade de Psicanálise Ortodoxa do Brasil (SPOB). E-mail: <marta.luzie@uol.com.br>.

² Doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Università Lateranense – Accademia Alfonsiana. Possui licenciatura em Filosofia. Atua como professor na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas-SP. Psicanalista clínico e didata, pertencente à Sociedade Brasileira de Psicanálise Moderna (SBPM). E-mail: <sleutjesla@yahoo.com.br>.

still delivered in Latin to a largely uneducated population. It also examines the praxis undertaken by women, represented by the Beguines in the Middle Ages, as a guiding force for a new ethic and morality in an equally demanding context. This hermeneutical historical approach highlights an axiomatic reflection on the meaning of an integral and, therefore, inclusive life. Consequently, it presents an ethic and morality that oppose the indifference and invisibility of the culturally and economically disadvantaged. This situation went beyond the social challenge of leprosy, affecting the very fabric of society and leading to the conversion of social structures. In this context, it is believed that the testimony of the past sheds light on new responses to current demands.

Keywords: Mercy, Mestre Eckhart, Beguines, Leprosy.

Introdução

A tarefa do pensamento que irrompe o atual contexto, convida-nos a meditarmos em uma possível saída para o já enraizado processo niilista que assola a Terra. Processo esse, que vai pouco a pouco corroendo a base das possíveis relações humanas. Cada vez mais torna-se difícil comunicar-se com o outro³; o esquema na pós-modernidade que se impôs fundamentando a verdade no sujeito e não mais no princípio de realidade, vem forjando entes humanos que sempre miram a si no próprio espelho, mesmo que não se deem conta disso⁴. Além disso, o pior de tudo é que tudo aquilo que se pensa, se vê e se faz, está preso ao círculo que mantém o narcisismo. Acreditamos que, desse modo, estamos sendo únicos e singulares, quando, em verdade, somos apenas mais uma cópia. Atiramos em um marreco e acertamos num coelho. Somos todos e ninguém ao mesmo tempo. Estamos no que Heidegger (1993, p. 126-130) denominou em *Sein und Zeit* de império do *Man*, que é a vigência da inautenticidade.

Sendo assim, queríamos a singularidade, mas conquistamos a universalidade. Sonhávamos com uma sociedade livre e acabamos por engendrar uma sociedade presa no ressentimento, nas amarras do multiverso⁵ que há de vir,

³ Apesar da vigência das redes sociais e da presença do mundo digital, que tecnologicamente possibilita uma maior conectividade a tempo real em todo o planeta, isso não quer dizer que há uma maior abertura para o diálogo no mundo. O diálogo clama pela autenticidade – a capacidade de ser si mesmo, e pela capacidade de enxergar o que há de frágil em nós, a ponto de ouvirmos o argumento de outrem. Sendo assim, mesmo havendo conexão, nem sempre há maturidade emocional necessária para que o diálogo aconteça. Trata-se de um niilismo também no ambiente virtual que, paradoxalmente, aumente a exclusão e compromete a produção de conhecimento.

⁴ Daí a importância da beguina Marguerite Porete cuja obra intitula-se: *O Espelho das Almas Simples e Nadificadas*. Nessa obra ela propõe exatamente o oposto daquilo que o mundo hodierno nos convida num ambiente de coaches e influencers, como veremos mais adiante.

prisão da qual não conseguiremos escapar e que assomará uma multidão de excluídos pelo atual sistema econômico. Atualmente, só conseguimos manter-nos de pé neurótica e asfriadamente. E como dizia Nietzsche em *Also Sprach Zarathustra*: “o deserto cresce, o deserto cresce, ai daquele que encobre desertos” (NIETZSCHE, 1988, p. 338).

Então, nesse processo de desertificação da Casa Comum e desumanização do ser humano, a mística e as ações de misericórdia têm um papel fundamental. Ambas propõem um desprendimento de si e, com isso, avivam o *não-adormecimento* da vida humana que ainda jaz em nós. A mística propõe a prática de saída do Eu da qual falávamos há pouco. Ela propõe a saída do cárcere do *Eu*, do sujeito moderno. Propõe que nos ponhamos a caminho, na escuta da realidade como sinônimo de ser, de verdade. Talvez, se amarmos mais a verdade do que a nós mesmos, consigamos ir além, transcender a nossa época e construir um mundo mais humano e digno de se viver. Nesse sentido, o filósofo italiano Giorgio Agamben aborda o conceito de ser humano contemporâneo, como aquele que exerce uma atividade reativa de transformação em seu contexto específico. Tal afirmação provém da exigência de um contexto que reclama uma ação imediata e inédita. Diante da indiferença humana e seus efeitos, essa reflexão de Agamben trata não só de um indivíduo, mas permite alargar o conceito do coletivo, de um povo contemporâneo (AGAMBEN, 2009, p. 15). Em suma, agir como contemporâneo significa reforçar a interdependência na contemplação, no discernimento e trazer um presente inédito à tona por meio da ação responsável e regenerativa que não soe como peso de obrigação, mas caminhe pela via afirmativa da moral, manifeste um prazer em superar o dever e garantir a saúde do sistema vida, promovendo a justiça social: uma cultura da misericórdia.

1. As Obras de Misericórdia

O texto da *Evangelii Gaudium* (n. 177, 2013, p. 145-146), partindo da Fé e, consequentemente do querigma, chama a atenção à problemática ética e moral para

⁵ O mundo “meta” é a proposta futura do Facebook e do Instagram para uma nova etapa do mundo digital, aquela da quarta dimensão, o “metaverso”, que exigirá novos equipamentos e uma capacidade econômica para inserir-se nesse novo mundo digital.

uma mística que suscite e sustente uma nova práxis, visando a justiça social, a partir da caridade, isto é, das obras de misericórdia. O elenco desses desdobramentos da caridade encarnada na história traz dois grupos: as espirituais e as corporais. O primeiro grupo é composto de atitudes como dar bons conselhos, ensinar os ignorantes, corrigir os que erram, consolar os tristes, perdoar as injúrias, suportar com paciência as fraquezas do nosso próximo e rezar a Deus por vivos e defuntos. O segundo grupo, as corporais, detalha o dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, dar pousada aos peregrinos, visitar os enfermos, visitar os presos e enterrar os mortos (Catecismo da Igreja Católica, 2000, n. 2447). As duas listas morais decorrem da opção por Deus e pela vida dos empobrecidos. Desde o Antigo Testamento, trata-se de uma atenção e uma sensibilidade intencional para com os mais fragilizados. O mesmo Deus, que se diferencia de outras divindades por acompanhar seu Povo, conduzindo-os à liberdade também se nega a conformar-se com as várias dimensões do empobrecimento: físico, cultural, relacional e espiritual (KASPER, 2015, p. 179). Uma moral pautada na misericórdia, como testemunho divino, supera a própria noção de justiça, pois diante da diversidade pluridimensional das demandas pessoais e sociais presentes em cada tempo, faz com que o espírito da lei seja transbordado de maneira a atingir, também, respostas pluridimensionais, exercendo uma misericórdia integral⁶.

Uma visão holística da misericórdia como eixo ético e moral também vai na contramão de uma compreensão errônea da misericórdia como *laisse faire* (Cf. KASPER, 2015, p. 180). A ação movida pelo princípio misericórdia, de modo algum, leva a uma compreensão sentimental e superficial da misericórdia, romantizando a injustiça ou adocicando a efetividade do Evangelho na práxis cotidiana. Dessa maneira, a tolerância e a convivência diante da injustiça nada tem a ver com ser misericordioso. A misericórdia como paradigma eleva o grau de responsabilidade do agente moral, ampliando sua consciência **social**, no sentido de que tudo está conectado (LS, n. 137). Tal perspectiva ética e moral apresenta relevâncias socioecológicas de regeneração da vida, no contexto no qual ela foi inserida: recupera o caniço rachado e fortalece a chama fraca que fumeja (Is 42,3). Essa

⁶ A justiça é dar a cada um conforme o que lhe é devido (Platão, 1987, p. 9). A misericórdia é dar a cada um além do que mereceu, pois ela sai do âmbito do legalismo e entra no âmbito da graça (Zacharias, 2018, p. 106).

cultura da misericórdia pressupõe uma ética e moral em saída, uma Igreja pobre para os pobres (Cf. KASPER, 2011, p. 65).

No que tange à reação, ou seja, à cultura da misericórdia, não se trata de uma novidade dos tempos atuais, mas pode ser encontrada de maneira efetiva em várias épocas, dentre elas destaca-se, mediante o recorte histórico- epistemológico presente na Idade Média⁷. Trata-se de uma forma de estar no mundo, coerente com aquilo que se reza, acredita e vive, a partir do testemunho da tradição cristã.

2. A Importância de Mestre Eckhart nos Séculos XIII e XIV

Mestre Eckhart (1260-1327) é basilar para auxiliar-nos no percurso de retomada da importância da mística e das obras de misericórdia, por vários motivos. O primeiro deles, é que pouco sabemos de sua vida privada, a não ser pelo incidente que causou a condenação, pela Igreja, de parte de sua obra alemã, a partir de documentos referentes ao processo de controvérsias doutrinárias e a condenação à qual foi submetido (ECKHART, 1976, p. VII – XIV) pela primeira vez um mestre em teologia da Universidade de Paris, o centro intelectual com mais prestígio no Ocidente cristão daquela época, e que além disso, havia ocupado importantes cargos administrativos dentro de sua ordem: os Irmãos pregadores.

Essa falta de referência coincide perfeitamente com a insistência na necessidade do processo de despojamento. O autor em questão assume uma postura kenótica. Em segundo lugar, foi proposição sua pregar em praça pública ao povo e em língua vernácula. Era costumeiro na época que um douto falasse apenas a outro douto e em língua latina, que era o idioma considerado propriamente acadêmico. Talvez, Eckhart pensasse que o latim já não oferecia maiores vantagens para a criação literária. Ademais, o castelo perdera parte de sua influência para a cidade, centro mais apto de evangelização e de ensinamento religioso realizado pelas ordens mendicantes e dos pregadores e que, por isso, podiam reunir grupos

⁷ Remetemo-nos aqui ao período renano da Idade Média, em torno dos séculos XIII e XIV. (CF Dicionário de Mística, Ed Loyola e Paullus, 2003)

mais numerosos de laicos para seus sermões e homilias pronunciados em alemão. Em terceiro lugar, pela sua escrita original de deliciosa simplicidade, cujo valor explicativo resultava em comparações e exemplos tomados da vida cotidiana, bem como da vida vegetal, animal e mineral. Acresce-se a isso o ensinamento oral, a conversação, o sistema de perguntas e de respostas. Entre o ouvinte e o falante se estabelece uma mediação que adquire uma dimensão espetacular. Em quarto lugar, a teologia mística de Eckhart orientava-se para a negação dos modos específicos de aquisição da graça e da salvação. Em seus sermões alemães insistirá no verdadeiro modo *sem modo* de adquirir a verdade. Um conceito fundamental em toda a sua obra é a palavra no alto-médio alemão *gelâzenheit*, alemão moderno *Gelassenheit*, que quer dizer serenidade, no sentido de entrega, de deixar-se. *Lassen* em alemão significa “deixar”; *gelassen* como *Partizip* (particípio passado), pode ser traduzido como “deixado”, aquele que está ali posto, e como *Adjektiv* (adjetivo) quer dizer “sereno”. Logo, *Gelassenheit* significa “serenidade”, mas serenidade de algo que está ali deixado, posto, simplesmente ali entregue. Para Eckhart, essa é a mais alta virtude encaminhada à pobreza espiritual, único modelo de vida cristã, que não é obtida fugindo do mundo, antes sim, voltando-se para ele como uma atividade interior completamente transformada e consequente ação de misericórdia. Em quinto e último lugar, fazemos memória de Mestre Eckhart principalmente porque ele teve contato com o universo feminino da época. Segundo Michael Sells (1994, p.114), Mestre Eckhart foi barbaramente influenciado pelo pensamento feminino, principalmente o das beguinhas. As beguinhas viviam em comunidades de mulheres que se dedicavam à vida religiosa sem clausura e sem fazer os votos de pobreza, de castidade e de obediência. Sabe-se que a ordem dos dominicanos a qual Eckhart fazia parte indicava-o para várias funções eclesiásticas, as quais nunca se negou. Uma delas ocorreu após ao no de 1303, quando Eckhart foi designado para supervisionar quarenta e sete conventos e vários mosteiros de monjas. Por isso, muitos dos sermões foram pronunciados diante de mulheres.

Além disso, os antecessores mais notáveis dos grandes místicos do século XIV são encontrados dentre as mulheres. São elas: a) Hildegard von Bingen (1098 - 1179), médica, filósofa e mística beneditina, cuja visão cosmológica despertou o sincero interesse da investigação religiosidade modernas; b) Mechthild de Magdeburg (1210-1283), que converteu a linguagem poética dos trovadores em

expressão religiosa para evocar a sua união amorosa com Deus mesmo; c) Hadewijch da Antuérpia, monja flamenca, morta em torno de 1260 e, principalmente; d) Marguerite Porete, que foi queimada publicamente em Paris em 01 de junho de 1310, sob a acusação de heresia. Em 1946, a italiana Romana Guarnieri descobriu que o famoso tratado medieval conhecido como *O Espelho das Almas Simples e Nadificadas*, que havia circulado, durante anos, de forma anônima, pertencia à Marguerite Porete (SELLS, 1994, p.115). De acordo com Sells, essa obra de Marguerite Porete provocou um profundo efeito sobre o dominicano e mestre de Teologia Eckhart. Relata-nos ainda que Eckhart teria sido encarregado de ensinar durante o ano de 1311 na Universidade de Paris, e que ele havia residido durante esse interregno na casa de William Humbert, irmão de ordem e responsável pela execução de Marguerite Porete (SELLS, 1994, p.116). Tudo isso, após um ano de execução da mesma. Certamente, Eckhart tivera acesso, por meio de William, à obra da beguina que adotara uma forma livre de vida religiosa, querendo seguir os passos do Messias, que estava nos Evangelhos. Talvez, por isso, tenha se tornado tão popular durante o século XIII. Na obra supracitada, Porete traz à cena a *Dama Amor*, que para ela é a expressão da alma quando está desincumbida de si mesma. É importante que a alma dispense trabalhos, virtudes, desejos e até mesmo a razão. Não se trata de negá-los, mas sim, de revê-los (Cf. PORETE, 2011, p.73). A *Dama Amor* nomeia um interlocutor denominado de *Longe-Perto*, que é a Trindade ela-mesma. Afinal, cabe à Trindade trabalhar cada alma a fim de demonstrar a sua glória. Sobre isso, ninguém pode falar, exceto a própria divindade. Por outro lado, a *Dama Amor* explica que a alma anulada não diz respeito à honra ou desonra, pobreza ou riqueza, conforto ou desconforto, amor ou ódio, céu ou inferno (PORETE, 2011, p. 88-89).

Porém, o Papa Clemente V decretou a bula *Ad Nostrum*, sob cuja decisão Marguerite Porete foi queimada em praça pública. Nessa bula, segundo Balbas Cisneros (2007, p, 291), o papa forçava as beguinas a entrarem em conventos sob a direção masculina, ou ao menos aceitar a instituição do casamento. Caso contrário, elas seriam perseguidas como hereges e queimadas vivas. Por essa razão, paulatinamente o movimento foi extinto. Contudo, seus escritos deixaram um impacto na vida não só das mulheres, como também das comunidades religiosas que tiveram a oportunidade de lê-los.

3. As Mulheres e as Beguinhas na Idade Média

A vida das mulheres na Idade Média não foi nada fácil, principalmente em se tratando do tema da liberdade religiosa. As mulheres tiveram que ganhar espaço na sociedade, levantar a voz em meio aos ambientes hostis e suportar silenciosamente os fortes pronunciamentos da Igreja que até “o século XV não admitia que as mulheres tivessem alma [...] assim, por séculos seres sem alma teriam sido batizados, confessados e admitidas na Eucaristia” (PERNOUD, 1999, p. 94).

A mulher medieval buscou expressar-se pelos meios de comunicação, tais como: poesia, cartas, canções, entre outros gêneros literários. Exemplo disso são as Cartas entre Heloísa e Pedro Abelardo, nas quais ela expressa sua discordância nas concepções da Igreja, que em nome de Jesus não era permitido amar. Leiamos um trecho do prefácio de *História Calamitatum e Cartas de Heloísa* sobre a paixão de ambos:

Abelardo rondava os 40 anos, Heloísa teria 17. Conheceram-se em casa do tio de Heloísa, um cônego de Paris chamado Fulberto. Entre ela e o fogueiro *magister* depressa nasceu uma paixão cujas consequências dramáticas todos conhecem: rapto de Heloísa, fuga, perseguição, castração de Abelardo e separação dos amantes. Mais tarde, a pedido de Abelardo, Heloísa retira-se para o convento do Paraclete, um mosteiro misto do qual foi abadessa, terminando aí os seus dias em 1164. Abelardo retirou-se para a Abadia de Saint-Denis, a norte de Paris, onde fez profissão monástica, primeira etapa de uma carreira atribulada, acabando os seus dias na abadia de Cluny, onde morre em 1142. Tinha 63 anos (PENA, 2008, p. 10).

Dessa forma, há mudanças significativas no estatuto da mulher na Baixa Idade Média (Cf. SANTINON, MARIOTTI, OTTAVIANI, 2023, p.69). Algumas mulheres tiveram acesso à educação de alta qualidade e foram iniciadas nas artes tidas como “mais nobres” (Cf. LE GOFF, 2008, 43). Outras, foram incorporadas ao mercado de trabalho. As mulheres casadas ajudavam com seu trabalho a aumentar a renda e, as mulheres solteiras trabalhavam para o seu sustento. Mulheres solteiras poderiam ter seus negócios e os administrar, isso explica o porquê de muitas das beguinhas terem contribuído com os seus bens para a comunidade de beguinhas, que era composta por mulheres solteiras e, muitas delas, com uma cultura intelectual e um patrimônio notável, o que permitiu que as beguinhas fossem reconhecidas por

suas obras e por um modo de vida que impactava a sociedade do momento. Como vemos a seguir:

Na Idade Média havia várias maneiras, pelo menos quatro, pelas quais as mulheres poderiam obter educação literária: através da instrução em colégios conventuais para a nobreza e para as classes superiores da burguesia; sendo enviado ao serviço de grandes senhoras onde provavelmente seriam bem-educadas e, sem dúvida, adquiririam algumas conquistas intelectuais; por meio da educação técnica e geral quer trabalhando como aprendiz ou a serviço de uma casa burguesa, ou por meio de escolas primárias para meninas de classes mais pobres da cidade e campo (POWER, 1991, p. 100-101).

Bernal (2015, p. 44) afirma que na Idade Média, nem todas as mulheres podiam se casar, porém, conseguiam organizar suas vidas independentemente de uma sociedade conjugal. Algumas iam para os conventos; outras ficavam com os pais. Segundo ele, no que diz respeito à vida apostólica, a maioria era, infelizmente, obrigada a seguir a estrita observância da Igreja, como foi o caso de Santa Clara de Assis.

Segundo Guarnieri (1965, p.353-708), os novos movimentos religiosos que foram surgindo na Idade Média e que a Igreja apontava como hereges, chamavam a atenção das mulheres, por causa de um estilo de vida livre. Esses movimentos expressaram “muitas das questões importantes para a religiosidade feminina ortodoxa: a religiosidade afetiva, a ascese penitencial, a ênfase tanto na humanidade de Cristo, bem como na inspiração do Espírito e no desrespeito à autoridade clerical” (RAITT, 2013, p.129).

3.1. As Beguinhas na Idade Média

De acordo com Garí (2006, p. 205-276), na Idade Média, os diferentes modos de se viver a espiritualidade e a vida missionária foram uma especificidade feminina. Afinal, elas buscaram viver uma espiritualidade baseada não só no amor, mas também em relações sinodais como nos propõe o Papa Francisco (FT, n. 114-115). Outrossim, elas sempre trabalhavam pelo próprio sustento, não se tornando pesadas para ninguém (RIVERA GARRETAS, 2005, p. 102). Além disso, parece que eram

persistentes na pregação, por acreditarem que por meio do ouvir, o povo tinha acesso a fé. Por isso, pregavam em língua vernácula. Conforme Bloch (2009, p. 109), a pregação masculina era “irregularmente praticada”. Nesse sentido, Le Goff (2017, p. 67) afirma que no governo eclesiástico masculino havia uma grande simbiose com os poderes políticos, com a igreja supervisionando, controlando e garantindo o domínio de Deus sobre o conjunto da sociedade.

As comunidades beguinas estabeleceram suas próprias regras, sendo responsáveis por novas formas de espiritualidade. Nesse sentido, a vida comunitária pode ser considerada um fator que fortaleceu o movimento das beguinas. Dentre as vantagens da vida comunitária pode se destacar a proteção mútua contra a violência, muito comum na Idade Média. Perrot (2016, p. 84) observa que a vida comunitária em conventos servia de refúgio contra os poderes masculino e familiar, além de transformar essas comunidades em lugares de apropriação do saber e de criação, como vislumbramos a seguir:

Sem vínculo com as ordens religiosas, essas mulheres não eram submetidas a qualquer controle e por isso eram consideradas perigosas. A Inquisição as perseguiu: foi o que ocorreu com Marguerite Porete, mística culta e autora do *Miroir des âmes simples et anéanties*, tratado do livre pensar, no qual ela ousava expressar concepções teológicas, dizer que o amor de Deus não passava necessariamente pelos sacerdotes (PERROT, 2016, p. 88).

As beguinas eram mulheres treinadas em vários idiomas e na arte da escrita. Embora não gozassem dos mesmos direitos que os homens, não foram impedidas de pensar e de buscar os meios de sobreviver naquela sociedade repressora, como afirma Bernal (2015, p. 43). Ademais, segundo Kocher (1999, p. 36), o movimento beguino foi bastante variado, já que algumas beguinas viviam em comunidades como leigas e algumas viviam sozinhas em suas residências. Algumas eram muito pobres, enquanto outras eram abastadas. Outrossim, certas mulheres viveram como beguinas temporariamente, enquanto outras mulheres e meninas aderiram ao movimento por toda a vida. Algumas viviam em áreas rurais, o que significa que as beguinas não eram um movimento exclusivamente urbano (THIEBAUX, 1987, p. 129).

Além disso, elas eram identificadas por meio das roupas que vestiam, consistindo de um simples vestido cinza ou preto e manto curto. Em segundo lugar e

de forma mais geral, especialmente durante o século XIII, a palavra beguina poderia designar uma cristã leiga solteira e piedosa. Terceiro, o termo tem um sentido pejorativo, significando “herege”. Por outro lado, de acordo com Bernal (2015, p. 62), o termo beguina, proveniente do francês *béguine*, originalmente usado na região de Liège e do Reno, pode derivar do verbo anglo-saxão *beggen* (pedir, implorar), ou do francês antigo *beige*, pessoa que usava o hábito dos hereges.

Contudo, a fim de ressaltar, as beguinas eram, segundo Bernal (2015, p. 60), um movimento de mulheres que buscavam viver uma espiritualidade secular, sem compromissos oriundos de uma vida religiosa monástica, porque escolheram trabalhar, rezar, viver os sacramentos e servir os outros movidas por um forte apelo no seguimento de Jesus de Nazaré, e fizeram isso de forma livre e gratuita. Elas não se submeteram a nenhuma regra e assumiram uma postura crítica em relação à hierarquia. Por isso, a perseguição que sofreram. Inclusive, Rocha (2011, p. 52) afirma que a condenação das beguinas foi a única forma que a Igreja teve de lidar com esse movimento medieval atípico.

4. As Obras de Misericórdia das Beguinas e a Lepra

De acordo com Cid (2018, p. 513) a atuação missionária das beguinas, além de original, tinha um cunho específico, aquele de “cura das almas” (*cura animarum*) por meio das obras de misericórdia, que segundo ela, nascera da dedicação evangélica dessas mulheres. Essa novidade evangélica, iniciada pelas beguinas, não teria se materializado em instituições de vida ativa com reconhecimento canônico até vários séculos depois (CID, 1998, p. 160). Ademais, apesar de seu caráter pioneiro, pouco conhecemos plenamente os fundamentos teóricos, manifestações e desenvolvimento da atividade missionária das beguinas (CID, 2018, p. 514). Contudo, tudo indica que a base evangélica das beguinas tenha sido cristocêntrica. Tratava-se do seguimento de Jesus e implicava em imitá-lo em sua experiência terrena, constituindo-se, portanto, um modelo elevado de vida humana, moldado pela ação (CID, 2018, p. 516-517).

Parece que as beguinas, por meio do seguimento de Jesus, acenavam para a proposta de vida do próprio Deus que propõe a cura e a recomposição de tudo aquilo que humanamente foi rompido com o pecado original, mas que é resgatado

pela pessoa de Jesus: o vínculo pleno entre Deus e a pessoa, por meio de um retorno ao dinamismo relacional amoroso, de natureza mística, que já existia antes do pecado original. Como podemos ver a seguir:

Uma leitura atenta das obras das beguinhas demonstra que, desde o início, o serviço aos outros foi uma componente chave da espiritualidade delas. Mesmo aquelas mulheres abençoadas com experiências místicas mais extremas estavam interessadas em manter vínculos com a comunidade e utilizavam os seus dons como meio de cuidado pastoral para com os mais necessitados. Todavia, esse aspecto de suas vidas raramente era o que interessava aos seus biógrafos, que estavam muito mais interessados em seus aspectos sobrenaturais. Contudo, as obras de misericórdia parecem ter sido de importância central para essas mulheres (GUIDERA, 2002, p. 191).

A chave de leitura para isso seria a ação amorosa, concebida como trabalho e o serviço ao Deus que se ama: seria o “exercício do amor” que consistiria em trabalhar nas obras de justiça com os mais desvalidos e invisíveis na sociedade. Sendo assim, as beguinhas seriam os sujeitos da ação, procurando crescer no amadurecimento que quer dizer: “tornar-se adulta” (HADEWIJCH, 2001, p. 56-57). Essa vida de perfeição também consistiria em suportar o sofrimento sem resistir, mas lutando com tenacidade, vivendo uma vida proativa, solidária e amorosa, pois “a misericórdia, a caridade, a sabedoria e a perfeição: devem ser semeadas na alma e nela firmemente enraizadas por uma longa prática” (HADEWIJCH, 2001, p. 59). Nesse sentido, sentido, as boas obras não eram fruto de um programa teórico pré-estabelecido, mas modificavam-se conforme a situação de cada caso e das necessidades específicas das pessoas. Por isso, o trabalho assistencial tinha como horizonte o estudo e a meditação orante (HADEWIJCH, 2001, p. 218-220).

4.1. A Pobreza Voluntária

É mister ressaltar que, na Idade Média, a pobreza voluntária associada à reforma religiosa foi um ideal de vida, principalmente entre os séculos XIV e XV (BAILEY, 2003, p. 458). A reforma religiosa sempre esteve preocupada com as questões da pobreza. Contudo, debatia-se acerca do tipo de vida pobre que era apropriadamente cristã, posto que havia diferenças consideráveis entre o clero secular e as ordens religiosas. Além disso, muitos leigos aderiram à ideia de pobreza, como no caso das beguinhas, pois sentiram-se inspirados pela vida

apostólica praticada pelas ordens mendicantes da Igreja, principalmente auxiliando-os financeiramente (BAILEY, 2003, p. 459).

Todavia, houve muita perseguição em relação ao modo de vida das beguinhas que exerciam a pobreza e a mendicância. Inclusive no Concílio ecumênico de Basileia, houve a necessidade de defesa da pobreza tanto dos leigos, quanto das beguinhas que foi realizada pelo teólogo dominicano Johannes Nider (JASPERT, 1999, p. 583-615). Por outro lado, além do aspecto da pobreza havia também as visitas realizadas aos excluídos da sociedade. Em relação a isso, gostaríamos de frisar que, embora não possamos provar que as beguinhas, mais tarde, modelaram a sua espiritualidade a partir da espiritualidade mariana, parece que a vida das beguinhas apresentou motivações de cunho mariano, principalmente a visita e o cuidado aos mais desvalidos da época: os leprosos.

4.2. A Lepra

Na Idade Média, a lepra cresceu bastante entre os séculos XI e XIII, tendo havido um aumento considerável no número de leprosários na Europa, chegando a atingir a cifra de 19.000, no século XIII (ROCHA, 2011, p. 15). Na época eram conhecidos dois tipos de lepra: a primeira era a chamada “lepra tuberculóide”, cuja evolução era vagarosa e não era contagiosa. Tratava-se de lesões na pele, sem cor, sem sensibilidade, mas que podia chegar a provocar a amputação dos dedos (ROCHA, 2011, p. 17); a segunda, denominada de “lepra lepromatosa ou elefantíase”, era considerada contagiosa e tinha uma progressão mais rápida, capaz de levar à morte em pouco tempo, até em meses e, além disso, afetava várias partes do corpo (BOURGEOIS, 1972, p. 15-16). Explica-nos Bériac:

A lepra é uma afecção de todo o corpo. Provoca pústulas e excrescências, a reabsorção dos músculos, principalmente o de entre o polegar e o indicador, a insensibilidade das extremidades, gretas e afecções cutâneas. São sinais que anunciam o fim, a corrosão da cartilagem entre as narinas, mutilações das mãos e dos pés nuns casos, aumento da grossura dos lábios e nodosidades em todo o corpo noutros, dispneia e voz rouca (BÉRIAC, 1997, p. 127).

Um aspecto importante a se destacar era a causa da lepra na mentalidade medieval. Ela era, na verdade, desconhecida. Havia suposições, dentre elas a

crença do pecado. Contudo, nenhuma delas tinha fundamento científico. Iremos enumerar por ora, duas delas: a primeira afirmava que a lepra ocorria por transmissão venérea, contraída por meio de relações sexuais com o leproso. Nesse caso, a lepra era considerada fruto do pecado da luxúria (BÉRIAC, 1988, p. 21) e, portanto, um castigo de Deus; a segunda causa seria proveniente de contato direto com um leproso (BÉRIAC, 1997, p. 132). Segundo Rocha, a lepra adquiriu um valor simbólico de extrema relevância, posto que:

As suas características, designadamente a deformação do corpo e as chagas que o cobriam, tornaram-na fonte de receios e de repugnância. Tal situação levou à estigmatização dos leprosos e ao seu consequente afastamento da sociedade sã, transformando-os num dos principais grupos marginais da Idade Média (ROCHA, 2011, p. 22).

Nesse sentido, o maior problema estava na marginalização sofrida pelos leprosos. Todavia, como explica, Boeckl (2011, p. 192-193), contraditoriamente, os leprosos também foram equiparados à figura bíblica de Lázaro, que por ser pobre e viver coberto de chagas passou a ser associado a uma vítima da lepra. Logo, a sua parábola tornou-se exemplo da nova acepção espiritual da doença, como sendo uma enfermidade salvífica. Por essa razão, na Idade Média, a sociedade desenvolveu por esses indivíduos sentimentos ambivalentes. Afastava-os ao mesmo tempo que procurava aproximá-los, tinham medo, mas admirava-os e tinham compaixão deles.

Mas o fato é que socialmente falando, os leprosos eram proibidos de circular pelas ruas livremente. Havia determinadas restrições, como, por exemplo, a necessidade de autorização de um superior ou a possibilidade de se deslocarem apenas ao campo (BÉRIAC, 1988, p. 185-186). Ademais, segundo Rocha, os leprosos estavam ainda sujeitos a normas de vestimenta, sempre que estavam fora dos leprosários:

Eles eram obrigados a utilizar vestes próprias que os distinguissem da restante população, de modo a serem facilmente identificados. Em alguns casos, também tinham de circular com sinais sonoros específicos, como as matracas ou guizos para assinalarem a sua presença (ROCHA, 2011, p. 26-27).

Os que mais sofriam eram os pobres que não tinham dinheiro para viver num leprosário. Esses viviam errantes, juntamente com os alcoólicos e luxuriosos. O desprezo por eles era de tal soma que não eram aceitos nos leprosários. Na verdade, durante a Idade Média, os pobres miseráveis e os doentes incuráveis eram uns fantasmas invisíveis para a sociedade. Apenas aqueles que praticavam a misericórdia cristã em circunstâncias especiais, tinham misericórdia deles, como no caso das beguinhas (MATTOSO, 1985, p.125-128).

Conclusão

É imprescindível para a sobrevivência da raça humana no planeta que ocorram mudanças de época e, conseqüentemente, época de mudanças. Mudar, converter-se é necessário. No entanto, essa mudança quando provém do resultado de uma contemplação, de uma escuta da realidade, com a intenção de melhorar e, portanto, de instaurar o Reino entre nós, ela aproveita as ausências. Tais mudanças têm a raiz de seu processo na tomada de consciência da ausência de dignidade, de justiça, de fraternidade e de paz. A ausência de luz é escuridão, já que a falta de calor gera o frio, ou seja, a insuficiência causada por uma moral sem misericórdia, reforça a alienação moral, e mantém estruturas e sistemas injustos e excludentes.

No entanto, a ausência, quando ela é contemplada com os óculos da esperança ativa em comunhão com outros olhares, transforma-se em possibilidade de vida nova. Dessa forma, a ausência de justiça não serve apenas para ser objeto de contemplação e entendimento da realidade desigual, mas aponta para a necessidade de uma conversão ética e moral capaz de transformar a realidade. Atitudes do Mestre Eckhart e das Beguinhas são salutares à medida que apresentam uma criatividade que supera a ausência de justiça e exclusão, transbordando as expectativas morais e exemplificando-as numa ação corresponsável com o gesto criador divino. Logo, toda falta contra a dignidade humana, à luz da centralidade de Cristo, é mais do que uma permissão divina, trata-se de uma gama de possibilidade da Graça permitidas pelo próprio Deus, um chamado a transformar a morte em ressurreição.

A postura assumida pelas beguinhas, como resultado de uma cultura efetiva de misericórdia, ao cuidarem da lepra dos humanamente empobrecidos, atingiu o cuidado não apenas da superficialidade da derme, na extinção das feridas, mas mediante o início de um processo humanizante profundo e duradouro, transformou todo um contexto específico. Essa intervenção prático e conscientemente assumida, centrada no testemunho de Cristo, gerou um outro *locus theologicus*. Essa mudança foi original, superou as expectativas da época e das estruturas, bem como inspirou novas posturas pessoais e coletivas de maturação ética e moral.

Referências

AGAMBEN, G.; **Che cos'è il contemporaneo?** Milano, Nottetempo, 2009.

BAILEY, M. D. Religious Poverty, Mendicancy, and Reform in the Late Middle Ages. **Churchy History**, n. 72, v. 3, p. 457-483, September 2003.

BALBAS CISNEROS, M. J.; GUERRA BAUTISTA, R.; ZORRILLA, CAÑADA, M. **Hilando fino**: mujeres, un viaje en común. Barcelona: Icaria, 2007.

BÉRIAC, F. O medo da lepra. **As Doenças têm História**. Lisboa: Terramar, 1997. BÉRIAC, F. **Histoire des Lépreux au Moyen Âge**: um société d'exclus. Paris: Éditions Imago, 1988.

BERNAL, E. G. **Mística Medieval Femenina**: un acercamiento al lenguaje teológico de ayer y de hoy. Bogotá, 2015. 333f. Tese. Facultad de Teología. Pontificia Universidad Javeriana.

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2011.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOECKL, C. M. Images of Leprosy: Disease, Religion, and Politics in European Art. Kirksville: Truman State University Press, 2011.

BOURGEOIS, A. **Lépreux et Maladreries du Pas-de-Calais (Xe – XVIIIe siècles)**. Arras: Commission départementale des Monuments historiques du Pas-de-Calais, 1972.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CID, M. del M. G. Apostolado femenino, clausura y santidad: la obra de Angelina de Montegiove (ca. 1357-1435). In: **Mujeres que se atrevieron**. Bilbao: I. Gómez Acebo, 1998, p. 157-200.

CID, M. del M. G. Vivir la vida celestial: caridade y acción social em Beguinas y Beatas (siglos XIII_XIV). **Estudios Eclesiásticos**, v. 93, n. 366, p. 511-550, 2018.

DICIONÁRIO DE MÍSTICA, São Paulo: Loyola, Paulus, 2003.

ECKHART, M. **Erster Band Predigten**. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1968.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: Sobre a Fraternidade e a Amizade Social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado com a casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

GARÍ, B. **La vida del espíritu**. In: RIVERA GARRETAS, Maria-Milagros (Or.). **Las relaciones la historia en la Europa Medieval**. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006, p. 205-276.

GUARNIERI, R. **Il Movimento del Libero Spirito**. Roma: Edizioni di storia e Letteratura, 1965, p. 353-708.

GUIDERA, C. Loving God with his own Love: the beguines of the Southern Low Countries in Community. Minnesota, 2001. 308f. Tese. Graduate School of the University of Minnesota.

HADEWIJCH DE AMBERES. **Flores de Flandes**. Madrid: Biblioteca de Autores cristianos, 2001, p. 03-43.

HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1993.

JASPERT, N. Berliner historischen Studien, 31. **Ordensstudien**, 13. Berlin: Duncker & Humblot, 1999, p. 583-615.

KASPER, W. **A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã**. São Paulo: Loyola, 2015.

KASPER, W. **Katholische Kirche**. Freiburg: Herder, 2011.

KOCHER, S. A. **Gender and Power in Marguerite Porete's Mirouer des Simples Ames**. Oregon, 1999. 327f. Tese. Graduate School of the University of Oregon.

LE GOFF, J. **La Civilisation de l'Occident Médiéval**. Paris: Éditions Flammarion, 2008.

_____. **O Deus da Idade Média**. Conversas com Jean-Luc Pouthier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MATTOSO, J. Sociedade Cristã e Marginalidade na Idade Média: a gafaria da Senhora do Monte. In: **Portugal Medieval**: novas interpretações. Lisboa: INCM, 1985, p. 123-133.

NIETZSCHE, F. **Also sprach Zarathustra**. Stuttgart: Alfred Kröner, 1988.

PENA, A. N. Prefácio. In: ABELARDO E HELOÍSA: **História Calamitatum e Cartas de Heloísa**. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2008, p. 9-18.

PERNOUD, R. **Para acabar con la Edad Media**. Barcelona: Liberduplex, 1999.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PORETE, M. **Le Miroir des Âmes Simples et Anéantis**. Paris: Albin Michel, 2011.

POWER, E. **Mujeres medievales**. Madrid: Encuentro, 1991.

RAITT, J. **Espiritualidad cristiana II: Alta Edad Media y Reforma**. Madrid: Editora EDIBESA, 2013.

RIVERA GARRETAS, Maria-Milagros. **La diferencia sexual en la historia**. Valencia: Publicaciones Universidad de Valencia, 2005.

ROCHA, A. R. S. **A Institucionalização dos leprosos**: o hospital de S. Lázaro de Coimbra nos séculos XIII a XV. Coimbra, 2011. 266 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

SANTINON, I.; MARIOTTI, L.; OTTAVIANI, O. Discipulado de iguais. São Paulo: Saber criativo, Grupo de estudos José Comblin, 2023.

SELLS, M. The Pseudo-Woman and Meister. In: **Meister Eckhart and the Beguin Mystics**. New York; Continuum, 1994.

THIÉBAUX, M. **The Writings of Medieval Women**. Vol 14, Serie B. New York; London: Garland Publishing, 1987.

ZACHARIAS, R. Formação intelectual: A urgência de superar a douda ignorância. In: TRASFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. **Formação**: Desafios Morais. São Paulo: Paulus, 2018, p. 97-121.